
**CASULO, A. C; ALVES, G; SILVEIRA, C; VAZQUEZ, P.
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL: O BRASIL
DA ERA NEOLIBERAL. BAURU: PROJETO EDITORIAL PRAXIS,
2018. 110p.**

Daniel Christante Cantarutti¹
danielcantarutti@hotmail.com

Publicado em 2018 pelo Projeto Editorial Praxis, a obra “Precarização do Trabalho e Saúde Mental: O Brasil da Era Neoliberal” conta com a organização de Ana Celeste Casulo e Giovanni Alves. Ambos também assinam como autores em conjunto com Carla Silveira e Petilda Vazquez. Em suas 110 páginas estão organizados três capítulos e uma minuciosa introdução, daquelas que oferecem importantes elementos conceituais e históricos para nos situarmos na discussão que está por vir.

Os capítulos possuem tom ensaístico, apresentando questionamentos e reflexões iniciais, as quais carecem de maior aprofundamento no futuro. O tema principal do livro refere-se à ofensiva neoliberal que avança em todas as dimensões da vida humana, implicando na crescente precarização do trabalho e da saúde no século XXI.

A flexibilização do trabalho disseminou-se com intensidade na década de 1980, enfatizando novas formas de gestão e controle da produção. O trabalho no regime fordista-taylorista enquadrava-se na rigidez da esteira de Henry Ford e sob o comando do cronômetro de Taylor, além de localizar-se em grandes unidades fabris, onde aglomerava-se grande número de trabalhadores. Esse cenário gestou um forte movimento trabalhista apoiado em associações e sindicatos, os quais galgaram importantes conquistas, principalmente na ampliação dos direitos e melhores salários.

Com a flexibilização ocorreram profundas mudanças no mundo do trabalho, abrangendo tanto as dimensões técnicas, de gerência, quanto comportamental e política. A produção descentralizou-se buscando otimizar a cadeia industrial, a qual passou a contar com

¹Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCT, Presidente Prudente – SP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no desenvolvimento da pesquisa de Mestrado, “Migração e degradação sistêmica do trabalho na frigorificação de carnes em Maringá (PR) – Processo/Número: 2019/17137-5.

expressivo incremento de novas tecnologias. Desta forma, tornou-se dispensável inúmeros trabalhadores que anteriormente realizavam atividades agora exercidas por robôs em linhas de montagem automatizadas. Paralelamente, no campo político, o neoliberalismo construía a falsa necessidade de um Estado não interventor, vendendo empresas públicas através das privatizações.

É sob o aprofundamento deste processo que Giovanni Alves, na Introdução da obra, enfatiza a realidade brasileira naquilo que ele denomina de duas novas formas de precarização do trabalho; assentadas na nova precariedade salarial e conseqüentemente na precarização existencial (reflexos na subjetividade do ser).

As mudanças do mundo do trabalho alinhadas a flexibilização do trabalho, isso é, dos contratos e conjuntamente dos salários, imprimiu mudanças que vão muito além da dimensão apenas fenomênica. Os autores utilizam a reforma trabalhista efetivada no Governo Temer, através da Lei 13.467-2017, como marco de alinhamento do país com as principais tendências do capitalismo flexível no plano mundial desde o começo do século XXI. Essas mudanças comportam não a modernidade, mas sim a barbárie nas relações laborais. Tal legislação incide na expansão da jornada de trabalho e no enxugamento dos salários, isso porque agora foi formalizo a “informalidade”.

Plataformas que oferecem serviços online passam a impor o ritmo de trabalho, exigindo total disponibilidade dos trabalhadores e esses, quando acionados, devem responder de imediato, sendo que os mesmos recebem o pagamento pelo desenvolvimento da atividade apenas quando efetuarem os serviços. Deste modo, já não sabemos quando inicia ou termina a jornada de trabalho, nem é possível prever o salário, o qual já não é mais depositado mês a mês.

No campo da subjetividade dos homens e mulheres essas mudanças na esfera laboral exercem profundas influências. A ideologia do consumo centrada no individualismo vem construindo personalidades encimadas apenas nos ter em detrimento do ser. O capital avança na subjetivação de seus valores, criando o imaginário entre os trabalhadores da empresa de si mesmo, consumado no discurso do empreendedor. A auto exploração e a concorrência entre os trabalhadores minam a consciência de classe, dificultando a organização de mecanismos de luta.

Essa fluidez também traz reflexos na relação temporal, pois o ideário do mercado é marcado pelo imediato, isso é, o que importa é o agora. A história do trabalho e dos

trabalhadores, as lutas anteriores, o vínculo entre presente – passado e futuro são renegados, taxados como tempo do retrocesso. O culto ao novo, ao caro, ao moderno ganha primazia e os vínculos com as lutas do passado acabam sendo esmaecidos, beirando o esquecimento.

Os efeitos deletérios desse cenário resultam no adoecimento mental e físico dos trabalhadores, o que justifica os alarmantes índices de depressão na sociedade contemporânea. No capítulo assinado por Ana Celeste Casulo, os vínculos entre o aumento dos transtornos psicológicos, sobretudo a depressão e o trabalho submetido ao destrutivismo neoliberal foram abordados com refinado tratamento analítico.

Ainda, segundo a autora, a ordem neoliberal no Brasil, foi responsável pelo aprofundamento da superexploração do trabalho. Pois, a sanha do produtivíssimo visando às exportações resultaram no crescimento de doenças osteomusculares (frequente em atividades que exigem esforços repetitivos em demasia) e doenças mentais. Abrangendo todas atividades econômicas submetidas aos patamares da produtividade exigida pelo capital.

Não raras vezes, as empresas imputam aos trabalhadores a responsabilidade dos acidentes, atribuindo ao descuido ou não cumprimento das normas de segurança exigidas. Culpabilizam o indivíduo trabalhador, desconsiderando a organização social da produção assentada na produção do lucro em detrimento da vida.

O objetivo constante dos gestores do mercado reside na tentativa de cingir os laços de solidariedade, para tanto os trabalhadores são bombardeados pelas ideologias do empreendedorismo, as quais nada representam, senão o aprofundamento da precarização do trabalho e o esmaecimento dos vínculos entre os trabalhadores, pois agora, todos podem supostamente tornar-se empresas de si mesmos.

Petilda Serva Vazquez, no segundo capítulo do livro, apresenta um breve estudo de caso envolvendo um professor universitário da rede privada de ensino. Vítima de assédio moral por seus superiores, relacionadas a metas e carga de trabalho exaustiva, o relato do docente evidencia a rotina do trabalho precário e suas consequências para a vida humana. Nesse sentido, o assédio moral sistemático constituiu para o professor (sujeito da pesquisa) um elemento de violência constante. De acordo com Vazquez, a ideologia da competência associada a organização do trabalho flexível, preconiza positivamente rotinas de trabalhos desgastantes para o corpo e a mente, exaltando àqueles profissionais que se entregaram de “corpo e alma” ao trabalho.

O último capítulo contém um estudo de caso que versa sobre devastação anunciada pela reforma trabalhista brasileira. A autora Carla Rita Bracchi Silveira discute a primeira sentença alicerçada na reforma trabalhista, evidenciando o cerceamento do acesso à justiça para os trabalhadores, visto que, quando adentrarem com uma ação trabalhista contra os empregadores, caso percam a ação, deveram assumir o pagamento dos honorários da empresa que processaram e ainda desembolsar uma quantia para pagamento de uma multa por acionar a justiça sem a “devida necessidade”.

Foi esse o desfecho da sentença apresentada neste último capítulo, logo, efetiva-se a ideia de desmonte da justiça do trabalho, impondo obstáculos e constrangimentos ao acesso da justiça para os trabalhadores.

Os autores sinalizam para intensificação da precarização do trabalho, não restringindo esse fenômeno apenas à alguns setores produtivos. Os impactos da reestruturação produtiva, da flexibilização, do avanço da ideologia neoliberal, impuseram mudanças estruturais, atingindo a vida humana em múltiplas dimensões. Portanto, a leitura deste livro é imprescindível para iniciarmos o debate sobre as mudanças no mundo do trabalho e a sociabilidade humana e os reflexos para saúde dos homens e mulheres que vivem do trabalho no século XXI.

Referência Bibliográficas

CASULO, Ana Celeste; SILVEIRA, Carla; ALVES, Giovanni; VAZQUEZ, Petilda. **Precarização do Trabalho e Saúde Mental O Brasil da Era Neoliberal**. Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2018. 110p.

Submetido em agosto de 2020

Aceito em dezembro de 2020